



EL PROCESO DE DOCTORADO EN EL INTERCAMBIO DE EXPERIENCIAS EN LA INVESTIGACIÓN NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA

THE DOCTORAL PROCESS IN THE EXCHANGE OF EXPERIENCES IN NARRATIVE (AUTO)BIOGRAPHIC RESEARCH

O PROCESSO DOUTORADO NA TROCA DE EXPERIÊNCIAS NA PESQUISA NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA

Flavia L. P. Gonzales¹
Aline Machado Dorneles²

ARK CAICYT: <http://id.caicyt.gov.ar/ark:/s27187519/35rgsiher>

Resumen

Este artículo presenta los caminos iniciales del encuentro con la investigación narrativa (auto)biográfica. Se trata de documentar narrativamente el aprendizaje de ser extranjero, viviendo la experiencia del intercambio académico durante el proceso doctoral. La oportunidad de intercambio académico surgió a partir de un proyecto sobre redes de investigación docente en la Escuela y en la Universidad mediado por la documentación narrativa de experiencias pedagógicas. El intercambio de experiencias entre Brasil y Argentina aquí narrado proporcionó enriquecimiento, conocimiento y profundización de los estudios teóricos y metodológicos de la investigación narrativa y (auto)biográfica. Los relatos narrativos documentan una investigación de vida, un rescate de la trayectoria educativa y profesional en las clases populares, en la identidad constituida con los sujetos de la Educación de Jóvenes y Adultos y en la escuela pública de Educación Básica.

Palabras clave: experiencias pedagógicas; educación de jóvenes y adultos; documentación narrativa

Abstract

This article presents the initial paths of the encounter with (auto)biographical narrative research. It is about narratively documenting learning to be a foreigner, living the experience of academic exchange during the doctoral process. The academic exchange opportunity arose from a project on teaching research networks at the School and at the University mediated by the narrative documentation of pedagogical experiences. The exchange of experiences between Brazil and Argentina narrated here provided enrichment, knowledge and deepening of theoretical and methodological studies of narrative and (auto)biographical research. The narrative reports document a life-investigation, a rescue of the educational and professional trajectory in the popular classes, in the identity constituted with the subjects of Youth and Adult Education and in the public school of Basic Education.

Keywords: pedagogical experiences; youth and adult education; narrative documentation

Resumo

Este artigo apresenta os caminhos iniciais do encontro com a pesquisa narrativa (auto)biográfica. Trata-se de documentar narrativamente o aprendizado de ser estrangeiro, vivenciando a experiência do intercâmbio acadêmico durante o processo de



doutorado. A oportunidade de intercâmbio acadêmico surgiu a partir de um projeto sobre redes de pesquisa docente na Escola e na Universidade mediado pela documentação narrativa de experiências pedagógicas. A troca de experiências entre Brasil e Argentina aqui narrada proporcionou enriquecimento, conhecimento e aprofundamento dos estudos teóricos e metodológicos da pesquisa narrativa e (auto)biográfica. As histórias narrativas documentam uma investigação de vida, um resgate da trajetória educacional e profissional nas classes populares, na identidade constituída com os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos e na escola pública da Educação Básica.

Palavras-chave: experiências pedagógicas; educação de jovens e adultos; documentação narrativa

Recepción: 20/09/2023

Evaluación: 16/10/2023

Aceptación: 30/10/2023

1. Considerações iniciais: reflexões e caminhos da investigação narrativa (auto)biográfica

A experiência de doutoramento e a oportunidade de intercâmbio acadêmico em outro país possibilitou documentar narrativamente meus caminhos investigativos de vida, de pesquisa e de profissão. Desse modo, apresento neste artigo as narrativas (auto)biográficas de uma mulher, mãe, avó, pesquisadora e professora da Educação Básica. São narrativas que documentam, principalmente, minha trajetória educativa nas classes populares, na identidade constituída nas dores, dificuldades, marcas, superação e resistência dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos - EJA.

Encontro-me estudante de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEC-FURG). E, recentemente, tive a oportunidade de viver a experiência de intercâmbio com a realização de um doutorado sanduíche na cidade de Buenos Aires - Argentina.

Experiência foi oportunizada por meio de um projeto interinstitucional intitulado Redes de investigação docente na escola e na universidade: processos de documentação narrativa de experiências pedagógicas inovadoras, realizado entre a Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Universidade Estadual da Bahia (UNEB) e o Instituto de Investigação em Ciências da Educação da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires - UBA³.

Essa vivência em solo argentino dá início ao movimento de descobertas, entregas e estranhamentos na construção da pesquisa doutoral, a partir do processo de documentar narrativamente as vivências e práticas educacionais, com fundamentação na perspectiva teórica-metodológica da investigação narrativa (auto)biográfica e da documentação narrativa de experiências pedagógicas (Clandinin e Connelly, 2015; Suárez, 2011).

Nesta perspectiva, assumo-me como investigadora narrativa, do qual encontra a potência da autoria e do protagonismo na escrita de relatos de experiência da prática escolar com a EJA e na escola pública. Nesse movimento investigativo compreendo e compartilho que “guardamos a atenção sobre aspectos e dimensões que pulsam em nossas ações investigativas, apostas e desejos que dão sentido a nossos trabalhos, em torno do desafio de uma pesquisa-vida” (Godoy e Ribeiro, 2021, p.25).

Assim, relaciono o estudo decorrido do intercâmbio fundamentado na documentação narrativa de experiências pedagógicas, sendo um caminho investigativo que aponta o protagonismo da escola e da relevância a autoria dos professores que nela habitam. Como trazido por Suárez (2011) um dispositivo formativo permanente de escrita, conversa e



reescrita de relatos de experiência - como textos públicos - em que os autores são os próprios docentes que se posicionam como habitantes e oradores competentes no campo da pedagogia.

Com isso, a investigação narrativa protagoniza uma docência relacional, com o outro e consigo mesma, assumindo a escola como campo investigativo, entrelaçando histórias - de vida, profissão e investigação - uma experiência de campo que se constitui para além da própria pesquisa de tese. Nesta perspectiva a narrativa é tanto um caminho metodológico, bem como, um caminho interpretativo e compreensivo para o entendimento da experiência (Clandinin e Connelly, 2015).

Por eso, documentar mediante relatos la experiencia educativa exige no solo reescribir la experiencia junto con otros a partir de sus lecturas y comentarios cruzados, sino también explorar colectivamente el lenguaje y las palabras que muchas veces usamos para referirnos a esos mundos transfigurados, tomándolas prestadas o sin darnos cuenta. Demanda simultáneamente desaprender las formas heredadas, desafectadas y naturalizadas de contar historias para aprender y ensayar otras nuevas, o viejas, pero desestabilizadas, desgarradas, asincrónicas, desfasadas, desadaptadas, desobedientes (Suárez, 2022, p.13)

Busco documentar a experiência na escrita de relatos de vida, da escola, do meu meu lugar como pesquisadora. Um processo de desconstrução, pois foi necessário reaprender a ouvir, a escrever, a ler e a “falar do dito não é apenas re-dizer o dito, mas reviver o vivido que gerou o dizer que agora, no tempo de redizer, de novo se diz” (Freire, 1992, p.17). Um movimento de reviver, de redizer o vivido e a nossa experiência com ele, no qual as histórias e a vida acontecem à espera de outros tempos alinhando-se numa trama maior. Desse modo, a seguir apresento meus relatos de experiência entre territórios outros, dos estranhamentos, do relembrar da infância - são narrativas que documentam modos de “viver as nossas pesquisas desse lugar e pensar com e a partir delas tem dado espaço a uma investigação viva, compartilhada na constelação de (des)aprendizagem, na comunidade-vida” (Godoy e Ribeiro, 2021, p.6).

2.Narrativas em territórios outros: por onde andei?

“Preso a canções,
entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar longe do meu lugar
Eu, caçador de mim”
(Caçador de Mim – Canção de Milton Nascimento)

A chegada no país vizinho se deu nos últimos dias do ano de 2022, entre o fechamento do ano letivo nas redes estadual e municipal na cidade de Rio Grande no estado do Rio Grande do Sul - com fechamento de relatórios, monitoramento dos registros de classe e tantas outras atribuições de uma educadora da Educação Básica, no encerramento oficial de um ano letivo, ou seja, ainda estava realizando pendências do meu fazer pedagógico no Brasil.

Chegamos na Argentina, no final da Copa do Mundo FIFA Catar 2022. Uma experiência que possibilitou conhecer muito da cultura e paixão dos argentinos pelo futebol. Acompanhamos o esperar de um país que parou para ver o jogo. Gritaram, comemoraram cada gol, sofreram com cada lance e ao final campeão da Copa do Mundo. Assim, neste mar azul e branco de torcedores apaixonados, festejando, comemorando com



muita emoção e paixão, eu, brasileira, fui apresentada à cidade de Buenos Aires na Argentina.

Foram dias de muitas caminhadas pelas ruas, andando de metrô, ônibus, táxi, sempre em constante observação. Passei as festas de final de ano em Buenos Aires, Natal e Ano Novo. Conheci muito do Brasil estando em solo argentino. Os “Hermanos” apresentaram meu país, que apesar de residir e ser naturalizada nele, não conhecia. Foram muitas as descobertas, as surpresas, os prazeres, os encontros com minha terra natal. Além das atividades relacionadas, este período foi de muitas leituras vinculadas a bibliografia sugerida pelos orientadores.

Cada detalhe percebido como estrangeira, também conhecia mais um pouco do Brasil. O sistema educacional de ambos os países, a Educação de Adultos “porteña”, o movimento sindical argentino e brasileiro, as lutas, as resistências, tão semelhantes às realizadas na Argentina e no restante da América Latina. Perceber nessa expansão do olhar, a sensação da ampliação do espaço e tempo dos coletivos de trabalhadores e trabalhadoras em educação, quanto precisamos avançar, mas quanto já avançamos.

Foram dias também de afastamento, distanciamento do ninho, da família e uma certa solidude. Um exercício de observar, de sentir e de silenciar. Para haver uma possível conexão com o outro, com nossas raízes, desejos, medos, sentidos e angústias é preciso silenciar (Godoy e Ribeiro, 2021). Os ecos, as vozes permaneceram em meus pensamentos, dentro de mim, num borbulhar de emoções, de sensações. Estive presente, me fiz presente pelo silêncio, sentindo o outro, conhecendo gente, lugares, funcionalidades e relações.

Neste movimento, de escutar a voz do outro, semeando o silêncio, busquei a escuta de si e na tentativa de conseguir, também, me escutar, precisei mais do que tempo para me dar voz nessa escrita. Um verdadeiro confronto sem estar ativa, assumir minha origem, romper o silêncio, narrar as memórias, resgatar lugares e caminhos, escrever minha própria história. Dar sentido à existência, escrever pequenos/grandes relatos, identificar as ligações vitais. Ir do singular ao coletivo, do individual ao plural, do íntimo ao público.

Um exercício de autoconhecimento, de historicidade, em um mundo que é essencialmente narração. Nesta perspectiva de viver a investigação, com foco central na investigação da experiência de si com o outro. Ribeiro, Sampaio e Souza (2016) afirmam que, se concebemos à vida, vivemos um processo narrativo, de forma ininterrupta, construindo, interpretando e reconstruindo histórias, vivências, experiências, nada mais coerente e potente, do que a narrativa para investigar as experiências educativas.

Nesse processo prazeroso, mas também conflituoso - percebo-me “caçadora de mim” - quem sou? Preciso me encontrar, longe do meu lugar, caçar essa identidade, essa essência, autoconhecer-me, um processo que me atravessa na subjetividade e na autoexploração, a vida como uma caçada, no qual a caça e a caçadora são uma só tentando se encontrar - a própria autora-professora-investigadora. Um processo que está centrado na criação idealmente construída, buscando limpar a mente de todos possíveis resíduos nebulosos e inférteis de criação.

Este viver a experiência de intercâmbio acadêmico em Buenos Aires, estar temporariamente vinculada a outra universidade, a outro país, proporcionou movimentos significativos para o encontro com a tese, com a investigação narrativa e (auto)biográfica e com minhas próprias narrativas de vida. Os relatos aqui apresentados operam como sensibilizadores, como sussurros estéticos, éticos e políticos no contexto da experiência, que dão sentido às pedagogias e permitem encontrar eles vitais, no processo de acompanhamento e formação doutoral (Porta, 2021).



Os três relatos de experiência de vida narrados durante a permanência em Buenos Aires e em Mar del Plata - Argentina, são pequenos textos introdutórios, (auto)biográficos, de momentos significativos para encontro com a investigação-vida e que me movem na escrita da presente tese. Pois o mundo é uma identidade narrativa, e ao contar uma história, ao realizar uma investigação-vida estamos narrativamente investigando (Ribeiro, 2020). Escrevemos e reescrevemos essas histórias, narradas, escritas, lidas, reescritas. Relatos vivenciais que possuem dimensões biográficas vitais, gigantes e minúsculas, nossos pequenos/grandes relatos de vida, uma dinâmica reflexiva em torno da formação doutoral (Porta, 2021).

2.1 O estranhar-se: entre escritas, conversas e uma limonada-café

Criei coragem, ou seria vontade? Pego o caderno que escolhi para trazer comigo. O caderno que “pintou um clima” (esse foi o critério de escolha para comprá-lo). Folhas pardas, pontilhadas. É preciso pular de ponto em ponto, manter o pensamento, equilibrando-se entre um ponto, um espaço, outro ponto. Será que é assim que me sinto aqui? Neste constante equilíbrio de onde pisar? Conhecer-me, pensar o que quero, o que é a minha tese?

Como reviver na escrita da tese as lembranças e as marcas das dores do fim de uma jornada pedagógica tão prazerosa e infinitamente recompensante? As dores eu vou sentir, mas preciso ir além, e reconhecer a importância de documentar o luto, a dor, o vazio, o fechamento desumanizante da escola da EJA, desrespeitosamente informado a comunidade escolar pelas redes sociais. A ruptura da convivência com o grupo de professoras, de estudantes, de amigos... É preciso “canalizar” esses sentimentos, sensações, percepções. Transformá-los em palavras revisitadas, escritas, descritas, narradas, contadas.

Estou em Buenos Aires, há mais de 30 dias, e esse é o meu primeiro escrito nesse diário. Questiono-me por que não escrevi antes? Acredito que necessitava de tempo para reconhecer lugares, pessoas, culturas, e um reconhecer-se como estrangeira.

Hoje tivemos a primeira reunião com o professor orientador do doutorado sanduíche. Um belo lugar, um encontro prazeroso e informal. Ele pediu um café-limonada ou foi uma limonada-café? Pedi o mesmo, estava curiosa para experimentar, acredito que as professoras também. Amo limonada, amo café, mas hoje percebi, que por mais que você ame 2 coisas, isso vale também para as pessoas, nem tudo o que amamos dá para misturar, a desarmonia entre os sabores se instaura e tira o prazer.

Às vezes essas misturas tentamos fazer com nossos vários papéis, como as várias versões de si. Tenho cuidado ao tentar fazer essas misturas. Neste mundo acadêmico durante muito tempo precisei separar a professora da Educação Básica da pretendente doutoranda. Na escola, também não havia espaço para a Flavia que permanecia em formação. Vivenciei deboches, ironias, piadas de mau gosto, boicote, descaso e desinteresse pelos assuntos teóricos acadêmicos.

Na universidade, não havia interesse em acolher, dialogar e incluir uma professora de Educação Básica. O limão e o café jamais poderiam se encontrar, a mistura não era “hermosa”, prazerosa de viver. Hoje enquanto eles conversavam eu tentava ouvir e observar a todos. O professor, ele parece gostar dessa mistura, tomou toda a limonada-café. Deve ser por isso que me foi permitido estar aqui. Neste projeto, minha orientadora e demais participantes permitem e valorizam a mistura, de reconhecer e documentar a escola de Educação Básica no/e processo de doutoramento.



Esses 30 dias foram de muito silêncio, escuta e observação. País diferente, cultura diferente, comércio organizado diferente, idioma que busco compreender, conhecer para sobreviver e bem viver. A vida me fez uma ótima observadora, o que tem me ajudado bastante. Observo coisas que às vezes os outros não notam, ou não são relevantes para eles.

Por que desenvolvi essa percepção? Detalhes das sacadas, do metrô, das ruas, da movimentação, conversação e funcionalidade das pessoas, do mundo, das relações. Quando se divide a mesma casa com pessoas que podem te machucar, dorme com elas, vive com elas, você aprende a observar tudo e a todos.

Aprendi que não posso relaxar, baixar a guarda, ficar vulnerável. Então construí “um estado constante de vigília”. Mas, é preciso continuar desconstruindo essa sensação, não estou mais em constante ameaça. Preciso pegar o limão e fazer uma limonada, usar essa percepção e capacidade de observação desenvolvida, para realizar o objetivo que me trouxe aqui. Fazer, buscar um lado positivo, constitutivo de criação e escrita.

Quanto à limonada-café, eu continuo não gostando e percebi que as demais professoras, que estavam nesta reunião, também não gostaram. Mas isto é só um detalhe, deste dia de janeiro na Cidade Autônoma de Buenos Aires, Argentina.

2.2 As marcas da infância: um dia feliz, um mar distante

“Um dia feliz
Às vezes é muito raro
Falar é complicado
Quero uma canção”
(Fácil – Canção de Jota Quest)

Durante muito tempo foi assim, como diz a canção, mas em fevereiro de 2023, um dia feliz não é mais tão raro. Desperto do sono, a claridade do amanhecer entra pelas frestas das persianas, da janela/porta da sacada. Estou no terceiro andar, um apartamento em Pedro Luro, 2265, na cidade de Mar Del Plata.

Eu sempre acordo bem cedinho, acho que gosto do amanhecer, do esperar dos primeiros raios de sol trazendo mais um dia. Por isso, quis dormir na sala. Levanto-me do colchão estendido no chão e abro a janela, está chovendo. Falar sobre chuva e afirmar “está chovendo” já não é tão complicado, é fácil, extremamente fácil, é prazeroso. Mas um dia, vários dias, não foi.

Por que hoje posso amar a chuva? A renovação que ela traz, o cheiro do mar que está tão próximo e com a chuva cheira mais. O céu está nublado, para nós aqui, porque acima das nuvens ele está lá, forte, quente, brilhando, emanando luz e energia. Perco-me a olhar as ondas fortes de Mar del Plata. Vejo um majestoso navio. Não lembro de ver tantas barraquinhas e armações de madeira. Devem ser de quem trabalha na beira da praia, enquanto os outros usufruem os prazeres do mar, o Mar del Plata.

Lembro das palavras de meu pai: “Hoje vai ser mais difícil dar serviço com essa chuva, não vai ninguém”. Ele, um barbeiro autônomo, sabia o significado de ganhar de dia para comer à noite. Fixo o olhar no movimento das ondas e vejo tanta boniteza, uma certa subjetividade em meus pensamentos e olhar.

De repente, cruza rapidamente pela rua asfaltada da beira mar uma bicicleta, um homem enrolado num plástico, rápido, algumas pedaladas firmes e ele some. De onde ele vem? A essa hora, cedo, de bicicleta com chuva, para onde vai? Ele não deve gostar de dias de chuva, pedalar no asfalto molhado, escorregadio, enrolado num plástico para não se molhar, não é prazeroso, não é fácil. Será que é por isso que hoje eu gosto tanto da chuva?



Hoje posso olhar subjetivamente os dias chuvosos, sentir os pingos, o ar úmido no rosto, o cheiro, o prazer que a chuva tem. Ontem eu autodeclarei minha objetividade. Fiquei pensando nos motivos que me levaram a observar tanto, a analisar o contexto, a pensar estratégias de subsistência, a ver o que está posto, apenas o externo a minha consciência, o que é real, o imparcial e muito distante de minhas preferências.

Percebo que a chuva trouxe algumas respostas às minhas indagações. Chuva, um dia no meu passado foi preocupação, foi plástico protegendo o corpo, os animais, os móveis, a casa e a velha cerca. “Filha, olha na porta se falta muito pra entrar”. Eu ouvia, corria para medir. A água já havia inundado o pátio, os sapos, as rãs e pererecas sabiam disso. O cachorro Sheik, também sabia, nadava no pátio e ficava nas ilhas criadas pelos lugares mais altos.

Os dedos de criança, finos e longos, eram a nossa medida. Mãe, faltam três dedos. Pai, faltam 2 dedos. Eu rezava para parar de chover, meu pai tinha que sair para trabalhar, esperar quem não ficou de vir, fregueses de cabelo e barba que nem sempre vinham. Ele saía de bicicleta, enrolado no plástico.

Naqueles dias nós não íamos para a escola. Antes de sair para o trabalho, ele e minha mãe, colocavam a geladeira velha e enferrujada em cima de tijolos, o motor não poderia ser molhado. A chuva continuou, as preces não foram ouvidas, eu e minhas irmãs não queríamos sair de casa.

Era inverno, frio, a água invadiu tudo, entrou dentro de casa e trouxe sapos, cobras verdes. Encharcou calçados, roupas distraídas que ficaram pelo chão, livros que não subiram para suas prateleiras. Brinquedos leves ficaram boiando sobre a água. Certa manhã acordei e tinha uma jarrinha, um porta saquinho de leite, dentro do “bidê” de calçados, ela fora levada pela água.

Num dia, naqueles tempos de infância, os bombeiros foram nos buscar. Era o serviço estatal público prestando socorro. Água pelo joelho, gaiola com caturrita, dois cachorros nadando, sacolas com roupas erguidas acima dos ombros, para não molhar. Saímos de casa, sozinhos, agradecemos aos bombeiros.

Colchões no chão espalhados pela sala da dinda, uma sala sem persianas, sem sacada, sem sol, apenas a chuva. Ela nos abrigava até a água baixar, lavar tudo, tirar o barro, os plásticos dos móveis, esperar secar e voltar para nossa velha casa.

Hoje, em Mar del Plata, a chuva também já passou. As dores da chuva em minha existência, talvez. Falar não é mais complicado, revisito esses tempos e percebo, minhas dores não eram causadas pela chuva, mas por pertencer a uma família, que estava vulnerável, numa sociedade capitalista, que escolhe quem fica nesta situação de vulnerabilidade.

Uma vida de privação, de direitos negados às classes populares. Não me foi permitido gostar de chuva, nestes tempos distantes de infância, de adolescência. Hoje eu posso ficar feliz e escrever essas memórias, ter prazer e apreciar um maravilhoso dia de chuva, exercitar esse olhar mais estético, subjetivo, seja em Mar del Plata, Argentina, ou em Rio Grande, Brasil.

2.3 Apenas mais um dia de domingo

“Ver o sol amanhecer,
E ver a vida acontecer
Como um dia de domingo”
(Um Dia de Domingo - Canção de Gal Costa e Tim Maia)



Ausência total de ruídos, o silêncio instaura-se numa manhã calma e desacelerada de fevereiro, um dia de domingo. O céu está radiante e muito azul, com temperatura agradável. Vejo o sol amanhecer, a vida acontecendo sutilmente no movimento de alguns dos moradores do prédio residencial em que me encontro. Sento-me no chão, um bom chimarrão e meu caderno/diário “Letras Criativas”, começo a pensar e arriscar alguns escritos.

Fixo o olhar na imensa janela/porta. Aqui, na Cidade Autônoma de Buenos Aires, Bairro Palermo Soho, quase nunca tem vento, raramente ele sopra. O sol não entra no apartamento onde estou, tenho muita claridade, mas seus raios não chegam até mim. Deve ser por isso, por não ter sol direto, que a vegetação (talvez uma trepadeira), encontrou o ambiente ideal para estender suas guias e cobrir toda parede úmida, ao lado da sacada do estúdio onde resido.

Gosto dos dias em que não há relógio decidindo a hora de sair de casa, dias sem essa regularidade rotineira dos ciclos da vida. Os finais de semana são esses dias. Chegam para trazer a realização de atividades prazerosas, que ficaram esperando a semana passar para acontecerem. Com essa paz de domingo veio o gosto e o prazer de tomar chimarrão sozinha.

No chão, entre um chimarrão e outro, liberto o pensamento e quase sem determinar o que estou escrevendo, deixo o lápis deslizar grafando os primeiros rabiscos no diário de campo. Às vezes, é difícil escrever... Será que essa dificuldade é pior porque são narrativas (auto)biográficas? São tantas as perguntas sem respostas...

Uns segundos e minha atenção não estão mais no caderno pontilhado de folhas pardas. Atravessando o apartamento, em olhar e pensamento, me coloco na rua, voando entre os raios de sol, que agora estão bem mais fortes. Minha mente viaja desenfreadamente, rompe espaços, resgata outros tempos no vai e vem do presente e passado.

São tantas as manhãs de domingo que ficaram para trás. Manhãs de infância estruturantes deste biográfico. Com meu pai cozinhando, servindo o chimarrão, enquanto minha mãe, mesmo nos finais de semana, se dedicava ao ofício de costureira.

Noutros tempos viajo às manhãs de domingo, no qual não era permitido sonhar, o silêncio era desejado, esperado, mas sempre quebrado pelas músicas tradicionalistas. Melodias que demarcavam as relações machistas da cultura gaúcha do nosso Rio Grande do Sul. Foram tantas as manhãs de domingo, de sábado, finais de semana que não chegavam ao fim e que nem sempre tínhamos o que preparar para as refeições.

Nesse movimento de ir e vir lembro-me da fala de um personagem, de um filme qualquer, que um dia assisti: “É tudo terrível até deixar de ser, pois a arte é um processo, a jornada também importa e quando você ama o que faz, as partes difíceis valem a pena.” Hoje entendo o porquê não esqueci aquela fala, e porque foi instantânea a identificação com o meu momento experienciado neste país.

Será que esse movimento de autoria das nossas narrativas, estabelecendo ligações subjetivas com o leitor poderia ser chamado de arte? Essa jornada, esse processo também importam? Revisitar momentos, narrar histórias, transitar na experiência, com prazer de escrever, escritas de si, que ecoam efetivamente no mundo de quem lê. Às vezes realmente é terrível, passo horas lendo, pensando, fazendo várias coisas e não consigo escrever um parágrafo.

Como disse a personagem - é terrível até deixar de ser. Estou amando esse processo, apesar das partes difíceis. Não tenho dúvidas do quanto está valendo a pena cada segundo, cada minuto, cada manhã de domingo, sentada no chão, na cama, no sofá ou na cadeira.



Lendo, escrevendo mais um pouquinho, nessa jornada em que as partes difíceis também compõem o processo, compõe a arte de narrar.

Entre os raios brilhantes do sol refletidos nas vidraças dos edifícios da vizinhança, uma pomba bate suas asas fortemente e pousa na grade da sacada do meu apartamento. Elas estão sempre por ali, sobrevoando o estacionamento daquele prédio de dez andares. Seu pouso é breve, ela logo muda de ideia e retoma o voo, mas seus movimentos me trazem de volta desta viagem temporal de lembranças distantes.

Percebo por um instante, que os finais de semana, os dias de domingo são prazerosos, quando temos tranquilidade, paz, quando se vive relações harmoniosas. Momentos agradáveis de viver e bem lembrar, quando não temos que carregar privações e dores, marcas sociais tão presentes nas classes populares, nos nossos sujeitos da EJA.

As manhãs portenhas e ensolaradas de fevereiro estão terminando, tenho que retornar ao Brasil, as redes públicas escolares e aos meus estudantes da EJA. Aqueles que como eu (um dia num passado distante), não possuem a certeza de poder apreciar uma linda manhã de domingo. Aproxima-se o fechamento de mais um ciclo, um tempo que se vai, permitindo que outros possam vir. Almejo viver da melhor maneira possível meus últimos dias de intercâmbio, deste período de doutoramento sanduíche em Buenos Aires.

3. Narrativas em territórios da Educação de Jovens e Adultos

Estou envolvida em um processo de escrita de uma pesquisa de tese, centrada na narrativa como modo de construir e compreender as percepções que ficaram e as que precisaram ser resgatadas na minha história de vida e profissional. O campo de pesquisa torna-se minha própria existência e as histórias vividas no território da educação de jovens e adultos. No entanto, falo de uma existência que não está predeterminada, preestabelecida. “Meu ‘destino’ não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte e é um tempo de possibilidades e não de determinismo” (Freire, 1996, p. 53).

Neste inacabamento estão as histórias de vida com suas pluralidades, caminhos percorridos, como atuo e existo no mundo, as decisões tomadas e os entrelaçamentos destas experiências. Memórias da infância, da adolescência e as mais amadurecidas da vida adulta. Memórias relembradas, documentadas, recriadas e alimentadas por fotos, rabiscos infantis, brinquedos, livros, cadernos, diários, sabores, cheiros, texturas, prazeres e desprazeres. Memórias reconstruídas com o outro, contadas e tecidas pelos habitantes genuínos desse viver, pessoas que habitam minha investigação-vida.

Narrativas de memória política, de constituição dos sujeitos e suas experiências, para além do campo pedagógico escolar, a constituição ‘ser passageira da noite’, do ‘ser professora’, em diálogo constante com o ‘ser pesquisadora’. Relatos experienciais com suas historicidades, territorialidades, sociabilidades, condição de imaginação criativa nos constituindo como sujeitos históricos. A memória, por meio da narrativa de si e como processo de elaboração de experiências passadas, sobretudo as traumáticas, que contribuem perceptivelmente para construção dos sujeitos efêmeros que somos (Arfuch, 2018).

A oportunidade de vivenciar o processo de doutorado sanduíche propiciou o encontro com a pesquisa, com a investigação-vida, por meio do resgate de experiências, vivências e identidades trazidas nestes pequenos relatos socioeconômicos e culturais da realidade das classes populares. Somos experiência, somos posição política, uma multiplicidade de



ser e estar no mundo, compreendendo, narrando experiências docentes, cotidianos escolares da Educação Básica e pública.

A história de vida como condição estruturante do biográfico, como prática social, como dispositivo metodológico de pesquisa, do sujeito histórico identitário com a EJA, que não narra apenas o passado, mas o modo que vivo hoje e me constitui como pesquisadora e educadora da modalidade de jovens e adultos. E nesse entrelaçar de histórias penso e busco resgatar minha caminhada como educadora da EJA.

Nessa perspectiva inquietante, realizei um processo de deslocamento e visitação ao passado, buscando lugares, sensações, necessidades e interesses, que mobilizaram o encontro com a EJA. Na tentativa de organizar o pensamento me perguntei: Quando e onde aconteceram as minhas primeiras experiências na EJA? Por que fui trabalhar no turno da noite aumentando a carga horária? Como me senti com essas experiências vividas? E o mais importante disso, o que fiz com esse caminho que me foi apresentado?

A EJA me trouxe até aqui, nas narrativas documentadas em outro país, numa experiência de reencontro com a escrita (auto)biográfica, pois narrar é um espaço de criação e recriação de uma prática que busco documentar, partilhar, compreender, construir e reconstruir. Tendo como princípios fundantes desse narrar, os saberes e os conhecimentos da prática docente na Educação Básica do Brasil, na EJA, que vão para além da oferta de escolarização. São percursos sociais e humanos, encontros, confluências dessas identidades coletivas, coexistência nesse espaço cultural e social das turmas de EJA (Arroyo, 2017).

Uma prática pedagógica que completa ‘a maioridade’, 18 anos. O ser educadora constitui-se na pluralidade dos sujeitos, no envolvimento e comprometimento com a Educação de Jovens e Adultos. Constituo minha identidade nessa pluralidade, minha história de vida assemelha-se às histórias dos demais sujeitos da EJA. Lembro Arroyo (2017) ao afirmar que nós professoras e professores, que trabalhamos na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, também somos sujeitos da EJA, “Passageiros da Noite”.

Neste instante, percebo que o encanto em observar, sentir e viver essa pluralidade humana é o fio condutor da minha identificação e permanência na EJA. Somos educadores e educandos que trazem em suas histórias de vida essa pluralidade e seus marcadores sociais de luta e esperança. Histórias de superação, saberes de resistência para chegar nestas primeiras turmas de Educação de Jovens e Adultos. Neste contexto, Arroyo (2017) nos lembra, que:

Na condição de passageiros do fim do dia, ou do início do dia e da noite, aproximando-se identidades de classe, raça, gênero, trabalho, escolarização truncada. Deslocar-se nesses espaços e nesses horários pela cidade, pelos campos, indo voltando ao trabalho e à EJA é uma luta por deslocar-se como classe, gênero, raça. Como coletivos. A EJA é o espaço-tempo desses coletivos, assim como o são os movimentos sociais, o trabalho, a fila, a estação, o ônibus. Espaços vividos pelos coletivos que os vivem. (p.25).

Neste deslocamento de espaço e tempo, percebo que a chegada na modalidade da Educação de Jovens e Adultos foi motivada por questões socioeconômicas. A desvalorização do magistério público fazia com que o salário de professora, com 40 horas, fosse insuficiente para sustentar minha família.

O aumento da carga horária e a possibilidade de melhorar a remuneração mensal, fez com que eu conhecesse e passasse a atuar na EJA, pois somos movidas por esse lugar sobre si,



sobre esses significados. Os itinerários por mais trabalho são fatores iniciais que movem os coletivos de docentes educadores para chegar até a EJA. (Arroyo, 2017).

Porém, com o passar do tempo, nos é apresentada a possibilidade de aprofundar esses significados. A docência na EJA contribui com suas experiências, seus saberes e suas práticas cotidianas, para melhorar a qualidade social, por meio da escolarização. Uma complexa tarefa que passa pela formação identitária e profissional, condições de trabalho, valorização do magistério, enquanto categoria de trabalhadoras em educação. A docência como campo de conhecimento específico, que leva a pensar na nossa história, na carreira docente, na prática pedagógica e saberes experienciados no dia a dia da escola (Jardilino e Araújo, 2015).

4. Reflexões finais de uma investigadora em formação

O início do processo de escrita de uma tese de doutorado provoca muitas indagações. A experiência de intercâmbio vivida em três meses de muitos questionamentos, foram fundamentais para construir significados do meu lugar como investigadora narrativa. Neste movimento individual e coletivo, mas às vezes solitário busquei respostas para várias perguntas, porém uma me inquietou por mais tempo, e ainda busco a resposta: Qual a relevância de uma professora da EJA fazer doutorado, um doutorado sanduíche no exterior? Ter uma experiência de intercâmbio durante sua formação continuada?

Acredito que o texto aqui apresentado - nas narrativas de uma mulher, professora da Educação Básica e estudante de pós-graduação - documenta e reflete a importância de vivenciar um doutorado sanduíche, com a escrita autoral e estudos em uma universidade do exterior. Foi uma oportunidade enriquecedora de intercâmbio entre Brasil e Argentina. Aprendi e enriqueci minha pesquisa, com as vivências ocorridas em Buenos Aires e Mar Del Plata. Com certeza foi um privilégio viver essa experiência.

Neste emaranhado de emoções, na busca de sentido, torno a me questionar e a refletir: Por que é tão difícil para uma professora da EJA chegar nesse espaço de formação? Um espaço e tempo que deveria ser oferecido e proporcionado para toda professora da Educação Básica, que desejasse realizar seu doutorado e/ou uma experiência de intercâmbio. Por um instante percebo que não conheço outra professora, do meu ciclo de trabalho e formação, que atua na EJA e que tenha vivenciado uma experiência de doutorado sanduíche, como esta que vivenciei. Posso então afirmar que sou uma exceção?

É necessário que o governo seja indutor das políticas educacionais robustas para esse desafio que precisamos superar. A demanda da EJA não é uma demanda residual, de menos importância e impacto social, não é invisível. Nosso cenário político estadual e municipal reflete esse movimento que alimenta e usufrui dessa invisibilidade. Resultado enraizado da ausência de um projeto nacional de governo, que induza e promova efetivamente a democratização do ensino, com política de permanência dos educandos nas classes de EJA, investimentos e formação permanente para os educadores da Educação de Jovens e Adultos.

Esse exercício reflexivo sobre meus 18 anos de atuação na modalidade, suas especificidades e historicidades geram um movimento de visita ao passado, uma viagem no tempo e no espaço na busca de encontrar o fenômeno investigado, nas memórias e narrativas de experiências de uma professora pesquisadora em formação. Narrativas que se apresentam numa perspectiva dialógica tendo como desafio, segundo Dorneles e Galiuzzi (2022):

[...] o estudo da experiência, ou seja, sair do acontecido e buscar compreender algo deste acontecido, com a parceria da teoria, e partilhar essas aprendizagens. É



também sair da sala de aula em que há o espaço de invenção e discutir a carreira docente dos sistemas públicos, a escola pública, a educação e as políticas que nela interferem. (p.130).

Nesse processo de diálogo, investigação narrativa e encontro com a escrita da tese de doutorado, o afastamento, a saída da escola, da sala de aula, também foi geográfico. Vivi, morei sozinha num país diferente, com cultura diferente, organização do comércio diferente, moeda diferente, onde necessitei aprender o câmbio monetário, superar as dificuldades de comunicação decorrentes do não domínio do idioma espanhol. Foram tantas as inseguranças, as tentativas, os acertos, os erros, os medos, os aprendizados.

Nesse movimento de resgatar memórias que antecederam este estar lá e agora aqui, revisitando os caminhos percorridos, as experiências vividas, revividas, contadas, recontadas - trazendo meu protagonismo na investigação. Memórias e histórias do ser mulher, filha, mãe, vó, estudante e professora das redes públicas, estadual e municipal, da Educação Básica. Histórias que dão sentido à escrita, construindo narrativas introdutórias, experiências já existentes, que me constitui em um espaço tridimensional de caminhos percorridos, que fundamentam minhas perspectivas e influenciam o começo do trabalho de pesquisadora narrativa (auto)biografia.

Para Clandinin e Connelly (2015) “as narrativas introdutórias advindas do viver, contar, recontar e reviver de nossas experiências pessoais nos ajudam a nos reconhecer no campo e nos ajudam a compreender textos de pesquisa que escrevemos acerca de nossa experiência num dado contexto” (p.84). Desta forma, faz mais sentido começar o trabalho de pesquisa e escrita com narrativas (auto)biográficas que associam experiências da pesquisadora a pesquisa desenvolvida na EJA. Uma modalidade que historicamente vem sendo secundarizada.

Vivemos a investigação como uma experiência de investigar para além da prática experienciada. Nos constituímos sujeitos históricos e nossas vivências, o nosso mundo criado, está atrelado, constituído condicionalmente a questões políticas, econômicas, históricas, culturais e familiares. A aprendizagem de ser estrangeira, de viver a experiência de intercâmbio acadêmico durante o processo de doutoramento, aqui relatado, o partilhar de experiências entre Brasil e Argentina, proporcionou enriquecer, conhecer e aprofundar os estudos teóricos e metodológicos da investigação narrativa (auto)biográfica.

Esse território social, econômico e cultural da Educação de Jovens e Adultos é meu território de vivência, de constituição de história. Decidi permanecer na EJA, viver na EJA. Cheguei na modalidade não como primeira opção, mas ao identificar as marcas representativas dos sujeitos da EJA nasce esse entrelaçado de vida. Retrocedo a infância e adolescência, buscando estes saberes constitutivos do ser educadora popular, da EJA, na escola pública.

A experiência, nesse modo de habitar o mundo e de tornar-me narradora, autora desta investigação-vida, dando sentido a pesquisa, compreendendo e apropriando-me desse narrar e investigar, dialogando com pessoas que habitam a minha história. E como protagonista, ao narrar essas histórias e experiências pedagógicas transitando do singular para comunidade, do comum ao público no exercício educativo. Recriando o jogo de linguagem da prática pedagógica buscando nomear e qualificar o sentir, o pensar e o fazer dos educadores (Suárez, 2021).

O diálogo entre a escola e a universidade entre pesquisadores e docentes brasileiros e argentinos, a experiência pedagógica compartilhada por meio do intercâmbio proporcionou vivenciar um processo de encontro e compreensão teórico-metodológica da



pesquisa narrativa e da documentação narrativa de experiências pedagógicas. E, nas narrativas documentadas um potente movimento de afastar-me geograficamente da EJA, da Educação Básica, do campo investigativo que é a escola, e assim potencializar esse documentar, narrando histórias de encontros, desencontros, vivências, estudos, pesquisa e prazeres compartilhados com a escola, com a Educação de Jovens e Adultos.

Referências

- Arfuch, L. (2018). *La vida narrada: memória, subjetividade y política*. Villa Maria: Eduvim.
- Arroyo, M. (2017). *Passageiros da Noite. Do trabalho para a EJA. Itinerários pelo direito a uma vida justa*. Petrópolis: Vozes.
- Clandinin, D. & Connelly, F. (2015). *Pesquisa Narrativa – Experiência e História em Pesquisa Qualitativa*. Tradução ILEEL/EFUU. Uberlândia: EDUFU.
- Dornelles, A. & Galiazzi, M. (2022, abr./jun.). *Cirandar entre cirandas de escrita: experiência de formação em rede*. *Rev. FAEEBA - Ed. e Contemp.* Salvador, 31(66), 116-132. <https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2022.v31.n66.p116-132>
- Freire, P. (1992). *Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Godoy, R. & Ribeiro, T. (2021, nov.). *Chuva de estrelas: entre metáforas e narrativas para sentir/pensar caminhos investigativos desde nossas ancestralidades*. *Educação Unisinos*, (25). <https://doi.org/10.4013/edu.2021.251.33>
- Jardilino, J. & Araújo, R. *Educação de Jovens e Adultos: Sujeitos, saberes e práticas*. São Paulo. Cortez.
- Porta, L. (2021) *Seis interludios autobiográficos | Seis sussurros performativos. Tramas que sentidizan pedagogías de los gestos vitales*. *Praxis Educativa*. 25(1), 1-14. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=153170161009>
- Ribeiro, T. (2020, fev.). *Carta mínima para investigadores minúsculos*. *Revista Educación*. XII(21), 97-110. https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/r_educ
- Ribeiro, T., Sampaio, C. & Souza, R. (2016, jan./abr.) *Investigar narrativamente a formação docente: no encontro com o outro, experiências...* *Roteiro*. 41(1), 135-154. <https://doi.org/10.18593/r.v41i1.9271>
- Suárez, D., Dávila, P., Argñani, A. & Caressa, Y. (2021, nov.). *Documentación narrativa de experiencias pedagógicas Una propuesta de investigación-formación-acción entre docentes*. *Cuadernos del IICE*. (6), 30-64. <http://repositorio.filo.uba.ar:8080/xmlui/handle/filodigital/13142>
- Suárez, D. (2011). *Indagación pedagógica del mundo escolar y formación docente. La documentación narrativa de experiencias pedagógicas como estrategia de investigación-formación-acción*. *Revista del IICE*, (30), 17-30. <https://doi.org/10.34096/riice.n30.142>
- Suárez, D. (2022) *Narrativas autobiográficas, pedagogía y territorio: cartografías de experiencia escolar. Saberes y prácticas*. *Revista de Filosofía y Educación, Mendoza*, 7(2). 1-16. <https://doi.org/10.48162/rev.36.077>

Notas

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências - PPGEC/FURG. Possui graduação em Pedagogia Séries Iniciais-Habilitação Magistério, mestrado em Educação Ambiental e especialização em EJA na Diversidade pela Universidade Federal do Rio Grande /FURG. Professora das redes estadual e municipal. Atua na diretoria colegiada do Fórum Estadual de Educação de Jovens e Adultos do RS, na coordenação pedagógica



escolar e orientação educacional com ênfase nos seguintes temas: EJA, formação de professores, educação básica, políticas públicas e educação popular.

² Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Pós-doutoramento em Documentação Narrativa de Experiências Pedagógicas na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Doutora em Educação em Ciências. Professora do Programa de Investigação Narrativa e (Auto)biográfica do Doutorado em Educação da Universidade de Rosario (UNR), Argentina. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências – PPGEC. Líder do Grupo de Pesquisa - Tramas Narrativas na Educação.

³ Pesquisa aprovada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, através da Chamada CNPq Nº 26/2021–Apoio à Pesquisa Científica, Tecnológica e de Inovação: Bolsas no Exterior, que visa fortalecer o processo de consolidação de redes na internacionalização das pesquisas e intervenções em Educação.